

Walter Carlos Costa

Aos exatos sessenta anos, Davi Arrigucci Jr. estréia oficialmente em livro como ficcionista com esta delicada novela, em que vivência e saber depurados se disfarçam em sutis procedimentos narrativos e estilísticos. O consagrado crítico, curtido em literatura nacional e universal, compraz-se em apagar pistas, mas espalha sinais ao longo de todo o texto, que pode, assim, ser lido e relido em várias chaves sucessivamente. Primeiro, como uma história singela de sua terra natal, São João da Boa Vista, no interior de São Paulo, lindando com a mítica Minas Gerais.

A história da caça de uma perdiz especial (“ruiva, faceira, desmedida”, p. 77), que, ao ser abatida, desaparece misteriosamente para o alto, é ensejo para o autor acertar uma rica conta sentimental com as origens, territoriais e étnicas, e com a longa e alegre experiência de vida e livros. Tendo morado a maior parte do tempo na megalópole paulista, Arrigucci consegue, ao escolher uma cidade do interior como cenário, o quadro adequado para abrigar o primeiro fruto de seu novo projeto autoral. De

² Calvino, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio*. Trad. de Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

fato, o salto para a ficção se deu com continuidade e refino. O que era intermitente nos ensaios se torna regular aqui: seqüências poéticas como “funil aberto para o caos”, “um paquiderme triste e solitário”, “do retraimento para a morte”, “um pouco teatro e tribunal”, “seqüestro da surpresa” (*Outros achados e perdidos*, São Paulo, Companhia das Letras, 1999, pp. 137, 149, 185, 202, 304), que apareciam a intervalos na argumentação, aparecem quase a cada frase na ficção: “a alegria vermelha da mesa”, “distante de todo faro e chumbo”, “com voz fina e fanha”, “bandinho enfezado dos pólvoras”, “labirinto verde das gramíneas”, “tufo de bastas capitivas”, “anel de luz do sol sem nuvens” (*Ugolino e a perdiz*, pp. 11, 25, 39, 48, 55, 67, 78). O mais importante é que esses versos embutidos não são mero ornamento, estão fundidos em “uma prosa de numerosas dobras”, como define o narrador a arte verbal de Ugolino. Dito de outro modo: a escrita plena de requintes de Arrigucci tem uma superfície simples e simpática, avivando mas nunca embaraçando a história. Há amplo espaço para a sugestão no que se poderia caracterizar como uma opção preferencial pelos matizes, mas o central é sempre o desfiar do enredo.

O nome do personagem principal, estampado no título, e a epígrafe, em italiano, da *Divina comédia*, assim como a sem dúvida não involuntária divisão em dez seções, indicam que não se trata de literatura regional, do imediato ou da moda. É para os confins do eterno literário que nos remete o texto, cuja ancoragem histórica não visa o retrato nem a análise realista mas as essências de sempre. Só que essas essências são recobertas com aparências atuais, minuciosas, concretas e brasileiras sem alarde. E Arrigucci está à vontade aqui, porque foi ele, precisamente, um dos primeiros a chamar a atenção para o peso da história em um autor visto como extremamente livresco e afastado do mundo, como Jorge Luis Borges. Essas aparências convencem, pelo tema e tom adotados. A novelinha é narrada pela boca de um narrador que não se identifica mas que podemos supor ser filho, físico ou espiritual, do herói e, naturalmente, um alter ego do autor.

A escolha de centrar o relato em torno da caça é um hábil artifício bocacciano, que permite colocar em estreito contato representantes de classes e gerações diferentes. Assim, o herói, operário-artesão Ugolino Michelangeli (a quem, contrariamente à tradição ibérica, o trabalho manual de ferreiro eleva, em vez de degradar) acabará caçando nas terras

do fazendeiro Aquilino, longínquo herdeiro de sesmarias, junto com o português Joãozinho Dentista, o Portuga. Aquilino e Joãozinho são mulherengos, dentro da tradição nacional cantada ou deplorada, enquanto que Ugolino é apresentado como marido exemplar de esposa exemplar. O impulso vital de Ugolino está no trabalho, na cozinha, no vinho, na leitura de Dante, na caça e na própria arte de contar histórias, uma maneira de o narrador dizer que essas atividades bem valem o jogo amoroso.

A história da caça torna natural a passagem do ambiente urbano ao rural e, portanto, o convívio de culturas e dialetos. Daí não causar estranheza a prosa apurada do livro, que mistura registro e idiomatismos de uso geral, gíria urbana e dialeto do campo. Vemos conviverem e se entre-enriquecerem vocábulos elevados como “renitente” e “toldou”, incontáveis expressões coloquiais e palavras rurais típicas como “corgo” e “balangar”.

Em outras palavras, Arrigucci se encontra aqui em pleno domínio do discurso. Esse domínio se reflete também na predileção pelo discurso indireto livre, recurso flaubertiano por excelência. Flaubert (devidamente homenageado com a citação da espingarda Flaubert, logo acaboclada em *flobé*) aparece ainda em outro traço típico: o das descrições precisas visando um efeito narrativo ou a representação refinada de coisas e pessoas. Mas enquanto no francês esse poder descritivo marca a celebração da escrita em si, em Arrigucci, como em Guimarães Rosa, ele serve à celebração spinozista dos encantos do mundo: de plantas e bichos, mas também dos artefatos fabricados pelo engenho humano. Essa celebração é animada pelos desenhos de Sergio Fingermann, que dão lustre a *Ugolino e a perdiz* como os de Poty davam lustre a *Grande sertão: veredas*.

Como se trata de uma história de caçador, alguns traços dessa breve novela, que poderiam parecer mera exaltação localista ou deslocado idílio, têm sua plena justificativa. Assim, os contornos quase épicos se explicam pela história da caça, história por natureza masculina e envolvendo disputa de saberes e habilidades e, indiretamente, ritos de iniciação. Os episódios cômicos e burlescos (como o do morto que salta do caixão ou o do caboclo com o queixo perfurado pelo guarda-chuva da mulher suspeita de adultério) também convencem porque bem integrados à atmosfera do relato, e de serem relatos dentro de relatos em que doses de exagero e mentira são admitidas e esperadas. Por outro lado, as ideologias retrógradas (o autoritarismo, o ressentimento dos donos do poder contra o imi-

grante mais organizado) são apresentadas como atributos pessoais, junto com outros atributos positivos ou menos detestáveis. O resultado é que o leitor poderá aprovar ou não certas condutas, mas essa aprovação ou reprovação não lhe é previamente imposta através de um preceito abstrato por um narrador plano. O que emerge é, como no *Quijote*, um narrador multidimensional e tolerante, contando vícios e virtudes repartidos por todos os personagens.

Enquanto que em seus celebrados ensaios, a vontade literária pode, por vezes, concorrer com o argumento, aqui, em pleno domínio do discurso e em terreno próprio, Arrigucci está à vontade. A literatura aparece, então, como consequência de quem faz seu ofício sem esforço, seguindo mais que um impulso, uma necessidade. Essa sensação de apaziguamento e tranqüila gratidão pelo milagre da vida, para além de desencontros e injustiças, irmana um narrador levemente proustiano e uns personagens genuinamente nacionais e universais, suscitando imediata empatia do leitor, surpreso com o poderoso encanto que emana destas páginas em uma época resignada à escrita desesperançada.